

REVISTA DE ARTE E DE CRITICA

ANNO I

FEVEREIRO DE 1879

NUMERO 8

O BERLOQUE VERMELHO

Remorso? não... não é bem o *remorso*, isto que me assalta e opprime. — *Remorso*... porque? e todavia, sinto que a minha alma immortal divaga desde *aquelle dia* por uns mundos que o homem não trilhou. Tento por vezes definir o mixto de sentimentos estranhos, que dentro em mim se atropellam e não sei como fazel-o. Ora me sinto dominado por um prazer vertiginoso, ruidoso, inexplicavel; ora me assoberba subitamente, dolorosamente, uma angustia que dimana do Terror... Por vezes me parece entrever, além das nuvens brancas, e do fundo azul onde prepassam, a face luminosa d'*Aquelle que adorei n'outros tempos*; mas a visão succumbe e, em lugar d'ella, surge, pavoroso, ensanguentado e rangendo os dentes n'um sorriso extraordinario *Aquelle que n'outros tempos eu temi*...

E todavia, é bem simples, bem natural, o que eu fiz. Ouve-me Deus e basta-me o seu testemunho eterno em face da eterna e provavel duvida dos homens...

Recordam-se todos, da amizade que durante largos annos existiu entre mim e Samuel: amizade que tinha a violencia e a profundeza do amor, sem ter como elle o lado impuro... Viviamos um para o outro; tinha-mos horas de confidencias mysteriosas em que um ao outro desvendavamos o duplo abysmo das nossas tristes almas...

No meu vigesimo terceiro anniversario ao regressar a casa, indo de uma orgia, encontrei sobre o traverseiro um pequeno embrulho. Abri-o. Era um presente de Samuel—um pequeno berloque vermelho: um coração de coral, com a primeira das minhas iniciaes sobreposta, em ouro.

Agradei ao meu amigo, em transportes de jubilo e apaixonei-me desde então pelo berloque vermelho.

Trazia-o na cadeia do relógio e acostumára-me a caminhar de olhos baixos, no intuito de não perdê-lo de vista. Todas as noites eu passava largas horas a contemplá-lo e sentia uma alegria suave e doce, ao apertá-lo entre os dedos, levemente... muito levemente... parecia-me sentil-o pulsar!

Furtaram-m'o, n'uma tarde de inverno, em uma sacristia, onde me abrigára da chuva.

Oh! o meu supplicio, como hei-de dizer-vol-o, eu, n'esta lingua dos homens? Largas, largas horas decorreram, durante largos, largos dias de um desespero que ninguem traduz... Procurava-o com os olhos — *nada via!* Apertava uns contra os outros, os dedos da mão esquerda, julgando poder sentil-o—e *nada sentia alli! nada!*... já *nada existia!*...

Foi n'uma noite clara e alegre... Conversavamos, eu e Samuel, no seu quarto, d'elle. Sentia-me triste e

gelado: comprehendia em fim, que era força morrer. *Morrer!* Nunca, oh! nunca sabereis, vós a quem me dirijo, o que é *vêr approximar-se a morte sem que a vida nos fuja*...

—Pobre rapaz!—disse-me, rindo, Samuel—que tristeza a tua... por um coração de coral! Lembrei-me ha dias de substituí-lo por outro, que vale tanto como elle! — *o meu!*

Aqui, sinto-me desfallecer... Apenas... apenas Samuel proferira a ultima palavra, ouvi um rugido espantoso, que só mais tarde reconheci por meu... *Era no coração d'elle que eu pensára até alli:* o pensamento esboçára-se, por outro, e só pude distinguil-o na sua hediondez ao ouvir echos d'aquella voz!

O resto... deveis comprehendê-lo: *Matei-o*, não sem soltar altos gritos, gritos de desespero profundo, *gritos mais horriveis que os d'elle*... *Matei-o* — e lembro-me ainda do rugido de prazer por mim soltado, ao entrever lá em baixo, no peito d'elle, ao fundo... pela abertura que lhe fiz, o coração vermelho, pequenino, palpitante — *mais palpitante do que o outro*.

Hoje, trago-o na cadeia do relógio e caminho de olhos baixos, afim de não perdê-lo de vista. Todas as noites passo largas horas a contemplá-lo. Aperto-o entre os dedos, levemente... muito levemente—e sinto-me avergado, immensamente avergado, a uma dôr que ninguem explica. JÁ NÃO SINTO PULSAÇÕES.

SILVA PINTO.

DEO IGNOTO!

(IMITAÇÃO DO FORMOSO SONETO DE F. ARVERS)

Tem um segredo est'alma! E um lugubre mysterio enlucta a minha vida. Em vão penso luctar!
Amo sem ter esp'rança! avergo ao triste imperio d'aquella, cujo nome até devo occultar.

Sem um rizo sequer, sem um olhar siderio perto de mim que a adôro a vejo prepassar.
E sem me haver fictado, irei n'um cemiterio sobre a virente relva a fronte descansar!

E ella que nem presente a minha sombra errante, que passa descuidoza, alegre e fascinante sem o meu nome ouvir e a minha voz saber,

hade, talvez (quem sabe?) ouvindo a minha lyra os hymnos que me infunde, os cantos qu'ella inspira dizer comsigo a sós: — «Quem é esta mulher?»

JOSÉ CALDAS.

O LIVRO DO MARTYRIO

I

(Continuando ao n.º 7)

Saana tinha no rosto uma certa lanugem de peçoço, que escapa aos que não são intencidos; e as tranças, d'um preto luzente como o ebano polido, cabindo sobre o crestado das espaduas, pareciam duas vibras estirando-se indolentes sobre uma Venus de mármore antiga; e o olhar, visto a través do véo que lhe cobria parte do rosto, tinha a expressão suave do olhar de uma noviça a través de um raro, e ao mesmo tempo a scintillação attrahente das pedras preciosas.

Tinha a ingenuidade natural que é o esmalte da formosura.

Um dia o infortunio pisou a habitação de Alibrand. A felicidade, o sonho do homem desperto, a promettedora eterna de mundos unicamente sonhados, foi para a familia de Alibrand — como a miragem — que parece fugir de nós quanto mais nos approximamos d'ella. A felicidade é para nós o que a ilha magica, entre as d'Alaud e as costas d'Uplande, era para os velhos marinheiros suecos.

Entremos na velha habitação de Alibrand.

O interior é d'uma simplicidade de cabana.

Os raios solares vibram docemente.

A filha de Alibrand veste uma como tunica de estoffo d'algodão, apertada por um cinto. Tem as orelhas e os braços enfeitados com aneis de prata. Um collar de missanga, de muitos fios, pousa em parte sobre o pequeno decote d'uma camisa de linho; e na cabeça tem um *Keffié* vermelho, lenço enrolado que lhe prende mal os cabellos.

Seu pae tem tambem um *Keffié*, apertado por uma corda de pelo de camello; e sobre a camisa de linho grosso, escuro, pousa um manto de lã de ovelha, que lhe cobre as vestiduras inferiores.

A mãe de Saana veste como sua filha; mas tem apenas aneis nas orelhas, e um *Keffié* escuro.

Saana e seus paes estão sentados em uma especie de estrado.

— Filha!... proferiu Alibrand, rasgando a monotonia do silencio.

— Pae!...

— Escuta-o, Saana. Um pae tem coração de propheta!... É o amor, scintillação que vem de cima, que lhe dá o lume da inspiração! És a nossa alegria, Saana; mas tambem a noite vem de ti, quando a tristeza te humedece os olhos! Allah ha-de abandonar-te! Vaticinio cruel para um coração de pae!...

— E porque? perguntou Saana, agitando-se um pouco no estrado.

— Porque muitas vezes tambem nos abandonas, Saana! Escuta:—Um dia uma misera ovelha adiantou-se do rebanho, o pastor conseguiu, depois d'algum custo, chamal-a para junto das outras; mas em breve perden-se das companheiras; o pastor então nunca mais soube d'ella, e a pobre, completamente livre, começou a saltar de collina em collina, até que um dia resvalou por um despenhadeiro, onde encontrou sepultura!

— Fecha a bocca, Alibrand! exclamou a mãe de

Saana. Só Deus é que conhece o fim de todos... Saana promette obedecer-nos...

—E ai! d'aquelle que não obedece ao seu chefe! Não está com Allah!... Não sobe como o perfume para as nuvens, desce como a raiz que os vermes roem!... Eu sei, filha, que a ave se enamora da esmeralda das folhas, sei que as cores variadas das flores-tas são attrativos para os insectos, e que as plantas que florescem de noite, pelo seu cheiro activo, chamam a si as borboletas nocturnas; mas muitas vezes a ave é colhida na sua morada de folhas, e os insectos sorvem a morte algumas vezes no aroma!...

N'este momento entra na sala um mancebo de talhe esbelto. Veste um pellico de muitas pelles de carneiro. Tem pequena estatura, tez bronzada, cabello d'um negro d'ebano, perfil do rosto quasi direito; olhar vivo, bocca delgada, e nariz aquilino, caracteristicos da raça arabe.

— Allah! n'esta morada! exclamou o desconhecido tirando o *keffié*.

Todas corresponderam á saudação.

Saana baixou sobre o rosto um pequeno véo.

— Senta-te, Téhamal, e diz ao que vens! proferiu Alibrand.

— Perguntar pela saude de tua familia... e pela tua! respondeu, perturbado.

Téhamal foi servo de Alibrand.

— Tens sede?... Queres café ou *doura*?

— Café.

— Saana, prepara café.

A filha de Alibrand ergueu-se, e passou a um compartimento proximo.

— E que novas trazeis, Téhamal?

— Nada sei...

Depois de alguns instantes de silencio, Alibrand exclamou, fitando o seu antigo servo:

— Oh! o teu pellico tem manchas de sangue!...

Téhamal turbou-se notavelmente.

— É d'uma ovelha que ha pouco matei... era a perturbadora do rebanho!...

— Diz o *Koran*: «Faze bem a um insecto, que eu te perdoo uma falta.» E tu, Téhamal...

— Que Allah me perdoue!...

— Mataste-a ha pouco?

— Quando o rebanho descia do monte... quando recolhia... E porque fizeste a pergunta?...

— Porque o sangue é vivo!

Depois de instantes de silencio proseguiu:

— Se a rez estava innocente, compraste a maldição com a sua morte! E com que a mataste?

— Com um queijado...

— Aonde o deixaste?

— No caminho... tinha sangue... e o sangue pesa mais do que montanhas!

— E trazes sangue no pellico, Téhamal!

— Não sabia...

N'este momento, Téhamal fez um movimento instintivo, e deixou cahir no estrado um ferro ensanguentado.

Ao vêr o ferro a seus pés — foi como que se visse calcar a pouca distancia um reptil medonho, — A cobra *alcatisa* ou a cobra *capella* não lhe causaria mais horror!

— Monstro!... mataste... e vinhas refugiar-te aqui! bradou o velho erguendo-se.

A mãe de Saana soltou um grito de espanto.

Téhamal levantou-se também.

— A nossa morada não é caverna de tigres! bradou de novo o arabe.

N'este momento entrou Saana, trazendo o café.

Alibrand pega da taça, arremeça-a ao chão, brandando ao mesmo tempo:

— O que estava destinado a este homem é maldito como elle!

Dirigindo-se depois a Téhamal.

— A mentira Allah não perdoua: dous crimes se mentes! Porque mataste?

— Não sei se o matei... sei que o feri!

— A quem?

— A um estrangeiro...

(Continúa).

SOUZA MOREIRA.

E PUR SI MUOVE

(A LUCIANO CORDEIRO)

Gira no espaço o globo; a mão de Galileu,
Como ferrea alavanca ainda a vejo eu,
Impellindo-o, atiral-o ao seio do infinito,
Marcha! diz-lhe essa voz — ó carcere em que habito!

Galvanise-te a luz, cadaver, e o calor
Do astro, que ao meu desterro envia um froixo alvor.

Gira no espaço o globo, e vae com elle o homem
No vortice constante impellido; se o consomem
As duvidas, vacilla; abatido, ora audaz
Constantemente vae sem olhar para traz,
Sem reparar que deixa uma concha partida,
Ou perola esmagada, ou roza emmurchedida,
Sem ver que o grande mar das sociaes marés,
Ruge constantemente erguendo-se a seus pés,
Procurando envolvel-o e tritutar-lhe os membros,
Como a cobra poupada ao frio dos dezembros.
Cresceu, subiu, venceu; se é aguia, já não tem
Para ao ninho o chamar as azas d'uma mãe:
Agora habita a escarpa, o pincaro dos montes,
Cimo onde possa vêr mais vastos horisontes,
Onde possa sentir o galope aos tuffões
E do abysmo evocar negras revoluções.
Se desce é para ouvir gritos dilacerantes,
E fitar do combate os restos palpitantes.

O mundo, que o contempla, assusta-se e não vê
N'elle que um alvo mais onde a pedrada dê;
E a Desgraça, que o sente invencivel e fórte,
Batendo-se em duello implacavel co'a Morte;
Subjugando o Destino e dizendo aos chacaes:
— Sois mesquinho triumpho aos meus tiros fataes,
O mundo inteiro é já p'ra mim estreita arena;
Diz-lhe: Vence-me a mim — Solidão — Santa Helena.

Ó! sim, misero escravo és tu, ó gladiador!
Constantemente preso á tua eterna dôr
Ó! unguido do genio á luz da desventura!
Que só tens de triumpho um'hora, é de amargura

Secular existencia! E és tu que ao proprio sol
Com o brilho do diadema offuscaste o arrebol!
Que ao fazer do Universo a peanha gigantesca
Disseste ao furação:—O teu bafo refresca!
Que fulminaste o mar, que ameaçaste os ceus
Fazendo em sobresalto erguer-se o proprio Deus!
E hoje da tua campa em gloria submersa
A briza as cinzas rouba e pelo ar as dispersa.

Gira no espaço o globo; a cadeia fatal,
Inabalavel, prende a humanidade e o mal;
A aspiração que eleva, e a agonia que humilha;
A escuridão da noite ao astro que nos brilha;
A geada, que enerva ao nectareo da flôr;
O rir da indiferença ás lagrimas, que a dôr
Arranca ao coração e faz brotar nos olhos
Do que rasgando vae os pés pelos abrolhos.

Destino! quem és tu? Providencia dos Ceus?
Fatalidade? Acaso? És Satanaz? és Deus?
És o pranto que chora a face imperturbavel
Do ceu que nos contempla em noite interminavel,
Porque o estado normal do Ceu é a escuridão?
Invejas-nos? Sorris, ó cynico leão!
Responde:—Quem és tu, trovão da humanidade?
Ai! só o ecco me ouviu...

—Sou a Fatalidade!

Achei-me muita vez, no tempo em que as visões
Me vinham povoar as minhas solidões,
Face a face com elle, o tenebroso Esfinge,
Da escuridão profunda e vasta que nos cinge,
Como á rocha deserta o taciturno mar,
Nem o espirito meu, nem o meu proprio olhar
Podiam calcular-lhe a noite immensuravel!
Se era a porta que Deus abriu sobre o insondavel!
Mas na onda voraz que eu via alli rugir,
Á luz do pensamento, eu pude descobrir
Horrido, desgrenhado, e cuspidos das vagas,
Um misero baixel, quebrado pelas fragas,
Que o negro turbilhão na noite sepultou;
E uma voz, que do abysmo ao meu ermo fallou,
Me disse:—Homem! és tu quem o meu sopro arrasta.
A tua imagem viste.

Ó Destino! não basta,

Ao teu medonho orgulho, o sermos barro vil,
Que estala e quebra e cae, como do arbusto o hastil?
Inda precisas mais da aspiração suprema
Das almas para a Luz, d'esse intimo poema,
Que em nossos corações Deus, ou quem é, construe?

Cumpra a tua missão! — a tua obra conclue!

Gira no espaço o globo! O homem sempre é o homem,
Embora a dôr o opprima e as desgraças o domem;
É sempre a ave que roça o bico pelos ceus,
Procurando roubar das mãos do ignoto Deus
A chamma com que quer, da noite na inclemencia,
A lampada accender no fundo da int'ligencia.
Frente que, sem baixar, espelha a luz dos soes;
Voz que evoca o Futuro e diz sempre: — Depois;

Aza densa que tem as plumas d'alabastro,
E em cada convulsão sacode um novo astro;
Estatua que de pé é um marco do Porvir;
Augur que brada sempre:—Hade vir... hade vir;
Fantasma que, se é rei, é-lhe throno o patibulo;
Que se vae assentar do Eterno no vestibulo;
P'ra quem a carne é dôr—se traz sempre os pés nús;
Que sempre os olhos seus, os traz razos de luz;
Que domina o Passado e torce como um musculo;
Cujo perfil no espaço em vão pinta o crepusculo.

Gira no espaço o globo; e no giro fatal
Caminho vae tambem do seu dia final;
Mas o homem terá sempre a lucta que o consóme,
Da Justiça co'a Lei, do Talento co'a Fome;
Da mão que a esmola dá co'a bocca que a maldiz;
Terá sempre, até lá, a visão dos perfis
Monstruosos, que o Mal em torno d'elle evoca;
Sempre, sobre a sua alma o peso que a suffoca,
A materia, essa noite; a Cinza, essa prisão,

Gira no espaço o globo! Um gélido tufão,
Que o sol já não derrete, envolve-o em seus abraços,
É morta a luz da terra e o globo, nos espaços,
É cadaver que nú, abandonado, só,
Gira á mercê do eterno, infimo grão de pó,
Que no vacuo sacode a lufada do vento;
A vida não a tem, é morto o pensamento.
O homem deixou de ser.

Mas a alma, essa o que é?

A indestructivel força — é mais ainda... é a Fé,
Que assiste do infinito, onde é luz, impassivel!
Da Materia, que expira, á agonia terrivel!

PEDRO DE LIMA.

QUADROS HISTORICOS

(Excerpto d'un poema inédito)

Temos na nossa historia as paginas doiradas
De rasgos de valor, gloriosas, immortaes:
Poetas, guerreiros mil, athleticas cruzadas,
Que assombravam o mundo e invejavam rivaes!

Henriques, o primeiro, ergueu alto a bandeira
Da nossa independencia e os mouros expulsou,
Animando co'a espada a sua hoste guerreira
E apontando-lhe a cruz, onde Christo expirou.

A Affonso não rendeu Coimbra, Martim de Freitas
Sem ter ido a Toledo, elle em pessoa, abrir
O tumulto de D. Sancho a ver se eram perfeitas
As noticias d'então o seu rei não existir.

Pedro leva ao delirio a paixão amorosa
Que dedica á gentil, desventurada Ignez
E nos braços da diva a vida descuidosa
Vae passando do amor na d'fce placidez.

Corre o tempo ligeiro, as horas são momentos,
Pedro sonha ditoso e vive de illusão,
Sem se lembrar sequer d'esses reptis nojentos
Que pensam noite e dia em frir-lhe o coração.

No momento em que volta aos braços da donzella
E a encontra morta o infante, espantado de horror,
Solta um grito de raiva e jura junto d'ella
Rasgar do assassino o coração traidor.

Parte, procura sempre a vingança gostosa,
Caminha sem cessar e mal sabe onde vae;
Diz-lhe não sei que voz:— Quem te matou a esposa
Foi a soberba audaz de teu malvado pae!

Que lucta trava então aquelle peito afflicto!
D'um lado a sua Ignez a vingança a clamar,
Os filhos na orphandade, elle só e proscripto;
Do outro seu proprio pae!—Em quem se hade vingar?

Que hade Pedro fazer?—Manchar as mãos no sangue
De seu pae, de seu rei? Isso era uma traição!...
Mas elle vê o rosto, inanimado, exangue
Do anjo que lhe levou pr'a tumba o coração.

E lucta, lucta sempre! Os dias dezejados
Lá despontam alfim,— o algoz na tumba cae.
D. Pedro sobe ao throno e são apresionados
Os instrumentos vis do crime de seu pae.

Foi cruel a vingança, a desforra pensada,
Mas foi justa, meu Deus. Tu, artista, talvez
Inda fosses peor ao ver ensanguentada
E para sempre morta a tua cara Ignez.

Em Tanger D. Fernando expira, escravisado,
Porém Ceuta não deixa aos impios entregar
E quiz antes morrer, na masmorra, algemado,
Do que ver n'esta praça alheios imperar.

O Principe Perfeito entrega ao pae a c'roa
E não quer governar emquanto elle viver!
Que filial amor! Christo sempre abençoa
Os que trilhão no mundo a senda do dever!

Reina D. Manoel. Albuquerque, Menezes
Conquistam Mazagão, Azamor, vão a Ormuz
E um Alvares Cabral não temendo os revezes
Navega mar além,— descobre Sancta Cruz!

Quantos exemplos mais temos na nossa historia
De coragem e amor, ditoso Portugal!
Bastava-te Camões p'ra te elevar á gloria,
Se não tivesses mais já eras immortal!

ERNESTO PIRES.

PLATONISMO

Eu conheço uma loira... (o nome d'ella,
Só o seu nome traz-me enfeitado)

Eu nunca vi meiguice como aquella,
Nem sei que exista um ser tão delicado.

É creança e é flôr;—mas flôr singela,
Como só pelo campo as tenho achado...
Tão pura, que nos lembra de ir colhel-a
E guardar esse lirio immaculado.

— E pensar que essa flôr d'ouro e de neve
Vae dar seu fructo, vae murchar-se em breve...
Que essa creança vac... ser mãe! oh dôr!

Ah! não me digam que isto assim é bello.
O fructo mata a flôr, e — ouso dizel-o —
Fructo não ha que valha simples flôr.

M. DUARTE D'ALMEIDA.

OS LADRÕES TITULARES

ROMANCE

PRIMEIRA PARTE

O NOVO ROCAMBOLE

(CONTINUADO DO N.º 7)

II

SORRISOS E LAGRIMAS.

Retrogrademos.

Na margem direita da Guadiana, em frente da villa hespanhola de S. Lucar, na encosta da montanha, está situada uma villa com suas muralhas e sem castello arruinado. — É Alcoutim.

Foi tomada aos mouros por D. Sancho II, em 1240, e foi uma das boas fortalezas de Portugal.

Bastantes vezes já as duas habitantes das formozas margens do rio divisional, teem trocado entre si complimentos demasiado... bombasticos. E n'estas questões... de delicadeza, tem a villa hespanhola ficado um pouco lesada, diga-se a verdade.

Era em Alcoutim que morava a tia de Luiza, como o leitor ouviu dizer a Carlos no primeiro capitulo da nossa historia.

Em uma das salas ao rez do chão do predio onde habitava a boa senhora, estavam as duas, tia e sobrinha, ao cahir da tarde de um bello dia de setembro.

No rosto de D. Emilia, a que os cabellos todos brancos de neve formavam uma especie da auréola, lia-se-lhe a summa bondade da alma.

Sentada n'uma grande cadeira de braços antiga, olhava com saudade para o sol que se occultava por detraz dos serros, além.

É este um espectaculo tão commovente para todos, e principalmente para aquelles que tambem presentem o seu proximo occaso!

De pé, graciosamente encostada ao espaldar da cadeira, estava uma joven de cabellos castanho-claros e de olhos da côr do céu. Ao vel-a acudia-nos aos la-

bios a palavra *Anjo*... E havia, com effeito, em toda ella um quê de celestial!

Luiza vinha de poisar sobre a mezinha de costura a Biblia em que estivera lendo varios trechos em voz alta, e encostara-se alli, olhando ternamente para aquella que mais a amava no mundo...

Sua mãe esperava-a no céu!

O sol escondeu-se de todo: deixando após si a pallida claridade que poucos minutos precede a noite.

Ouviu-se um suspiro abafado.

— Sente-se mal? — perguntou com sollicitude a joven, curvando-se para a anciã.

— Não, minha filha, não — respondeu ella tentando sorrir-se — É que, de cada vez que o sol transpõe aquelles montes para se ir esconder no mar, julgo sempre que é a ultima vez que o vejo... E, olha tu, tenho saudades d'elle!

— Não diga isso... afflige-me! — Para que hade estar a pensar em coisas tristes?

— Pois que havemos de fazer, nós os velhos, se não pensar na morte? — É o nosso inexoravel futuro...

— Assim como para nós — acudiu Luiza.

— Aos dezoito annos está-se tão longe de taes pensamentos! — Tontinha! A velhice é uma preparação para a morte... é um comprido exame de consciencia de que só Deus nos absolverá...

— Que ideias!...

— Se queres fallamos em outra coisa.

— Sim... sim...

— Então em quê?

— Em tudo, menos da...

— Da morte? — Bem te dizia eu que aos dezoito annos se estava muito longe d'ella! Pois olha que é o que tens mais certo, acredita — concluiu D. Emilia sorrindo.

— Bem o sei, e é por isso mesmo que não devemos fallar... em tal.

— Se o padre Antonio te ouvisse...

— Que tinha? — Havia por força de convir no que eu digo.

— Duvido.

— Ora! — o padre é já velho, mas apesar d'isso não é muito das ideias da tia. Escute... eu ouvi dizer, não me lembra agora a quem, que quanto mais perto estâmos de um perigo inevitavel, tanto mais nos devemos aturdir para o não vêrmos...

— Assim, na tua opinião, eu devo-me aturdir para não vêr a morte que se approxima de mim a correr?...

— Eu não disse tal! Ai! quer-me ver agoniada? Nem eu, nem a minha querida tia, temos agora necessidade de seguir o tal conselho. Eu esconjurei os perigos, e a morte... *vade retro!* — e Luiza beijou por umas poucas de vezes a fronte de sua tia.

— Basta! Basta! — Pensas que eu tenho a tua idade para te estar a aturar? — disse D. Emilia fingindo-se enfadada, mas desejando de todo o coração os afagos da sobrinha.

— Está de mal commigo? — perguntou Luiza fingindo tambem tomar a sério o agastamento da outra.

— Eu de mal contigo? Nunca! Deus nos livre de tal!

— Ah! Então vou-lhe dar outro beijo... e mais

outro... e outro... e outro... e outro... É para seu castigo!

«E era uma chuva de beijos e de carícias.

Todos os dias se repetia a mesma scena, com algumas variantes, quando a melancolia tentava apoderar-se do espirito da santa senhora.

— Admira-me o não termos recebido ha tanto tempo cartas de teu pae — disse D. Emilia dando um outro rumo á conversa.

Luiza descórou.

— Nem de tua irmã... — continuou a outra.

— Minha irmã! Oh! miuha irmã!... — balbuciu a joven não podendo conter-se.

— Que tens? — Empallideceste ao ouvir fallar em tua irmã...

— Ai! É que a minha boa tia não sabe o que se tem passado entre nós, eu e ella.

— Assustas-me!

— Vou contar-lhe tudo. — É tempo que saiba o que tenho soffrido... e o que posso esperar de meu pae e de Etevína.

— Falla... falla, minha Luiza...

— Ha mais de um auno que Etevína não é a mesma para mim. O amor que mostrava ter-me, transformou-se... em odio! — Principiou por me tratar com mau modo, por me contrariar em tudo, e acabou por me intrigar com meu pae!

«Em vão interrogo a minha consciencia — de nada me argue. Fui sempre boa irmã, e boa amiga, e boa filha — qual a razão d'estes desprezos? Não posso esclarecer este horrivel mysterio!

«Chorava e mortificava-me que não faz ideia! Eu vivia n'um deserto... no meio da minha familia!

«Ultimamente, quando recebi a sua carta, na qual me pedia que viesse para aqui, fiquei muito contente, — ia viver para ao pé de um coração verdadeiramente amigo, verdadeiramente meu!

— Pobre pequena! — murmurou D. Emilia enxugando as lagrimas.

— Fui mostrar a sua carta a meu pae. Leu-a, e depois disse-me seccamente:

— «Póde ir, se quizer...»

— «Obrigada, senhor — disse-lhe eu procurando beijar-lhe as mãos.

— «Nada tem que agradecer-me — continuou elle sempre com modo breve e imperioso, retirando as mãos — *A menina póde escolher os lugares onde ha mais liberdade...*

«E, dito isto, sahiu do quarto.

«Nem força tive para o reter! As suas ultimas palavras nunca me esqueceram...

«Qual era a sua verdadeira significação?

«Dois dias depois tudo estava prompto para a minha partida.

«Procurei minha irmã para me despedir d'ella, não a encontrei. Tinha ido passar o dia para casa de uma sua amiga.

«Meu pae acompanhou-me até aqui, como a tia sabe. Durante toda a viagem nunca teve uma palavra de consolação para me dirigir. Se eu chorava fingia não vêr as minhas lagrimas — se eu lhe fallava, não me respondia senão por monosyllabos...

«Quasi desesperei! — Não sei o que me valeu! —

Talvez a alma da minha santa mãe que pedia ao Senhor por mim!

«Cheguei e abracei-a, á minha querida tia, que me fôra sempre uma outra mãe... Fiquei mais alliviada! Como o viandante do deserto, saciei a sede que me matava, na primeira fonte que encontrei — a minha sede era de amor!

«Eis a minha historia.

— Pobre pequena! — repetiu D. Emilia, afagando a joven por sua vez — Eu logo que recebi a tua carta, me apressei a fazer o que pedias... De mais a mais era tambem a realisacão do meu maior desejo...

— Não percebo!

— Pois não te lembras já da carta que me escreveste dizendo que muito desejavas vir para a minha companhia?...

— Eu? Eu fui que lhe escrevi... dizendo-lhe... isso?!...

— Cabecinha de vento! — Olha, vês esta chave? E' a d'aquella papeleira... Vae abril-a, anda...

Luiza obedeceu machinalmente.

— Agora — continuou a velha senhora — procura n'essa gavetinha do meio... Isso... Está lá um machinho de cartas, pois não está?

— Eil-o...

— Traze-m'o.

A joven voltou, e entregou a sua tia um maço de cartas atadas com uma fitinha verde.

— Espera... espera... Vê lá essa carta... Lê alto, para bem te capacitares da tua pouca memoria...

Luiza pegou na carta que D. Emilia lhe apresentava. Abriu-a e correu-a com a vista.

— Mas não fui eu que escrevi este papel! — exclamou ella soltando um grito.

— Não foste tu? — perguntou admiradissima a outra.

— Não, minha tia... nem posso comprehender isto!... A letra é a minha... mas não fui eu!... não fui eu!

— Meu Deus! — E' então uma falsificação?

— Com certeza... Deixe-me lêr esta carta com mais socego... talvez possa perceber alguma coisa... E leu em voz alta, tremendo:

«Querida Tia,

«Ha muito tempo que morro por a ir ver e estar comsigo. Não me tenho atrevido a fazer este pedido a meu pae, porque elle, em razão de algumas criancices que fiz, anda agoniado commigo, ou fingo-o estar pelo menos.

«Por isso, minha querida Titi, peço-lhe que, logo que esta receba, escreva ao meu tyranno, pedindo-lhe a minha liberdade. Percebe?

«Diga-lhe que me quer junto de si, diga-lhe... tudo o que quizer — o essencial é que eu a vá abraçar.

«Adeus. Mil beijos e mil abraços

da sua amiguinha

Luiza.»

«P. S. Meu pae deve ignorar que lhe escrevi esta carta.»

— E então? — perguntou D. Emilia assim que a sobrinha concluiu a leitura.

— O que pude comprehender é que eu lhes causava embaraço, e assim procuraram este meio para se verem livres de mim por algum tempo e trabalharem mais á vontade!

(Continúa).

ANTONIO DA CUNHA.

A LISBOA

Ciudad hermosa, reina de Occidente,
Que á orillas del Oceano sentada
Riendo ostentas la orgullosa frente
De castillos y torres coronada;
Mansion de encantos, hoy por ti suspira
Lejos de ti, mi abandonada lira.

¡Ay! quien me diera de la brisa en alas,
Cual paloma cruzar tu puro cielo,
Enagenado contemplar tus galas
Y dormirme un instante en ese suelo,
Respirando el aroma de las flores,
Que brinda al corazon dulces amores.

Sirve á tus piés de matizada alfombra
La mar azul cubierta de bajeles,
Cada bandera al ondular te nombra
Y parece saluda tus laureles;
Que es vano empeño oscurecer tu gloria,
Pues grabada hondamente está en la historia.

De esa playa salió el inclito Gama
Con su flota á buscar el rico Oriente,
Y entre Colon y él plugo la fama
Repartir uno y otro continente...
¡Oh! si, los dos, surcando el mar profundo,
Dieron á Iberia posesion del mundo.

Y para eternizar tamaña empresa,
Gran monumento alzaste en esa orilla,¹
Que el ola humilde murmurando besa
Su angusto templo, insigne maravilla.
Monumento precioso y tan sagrado
Que el mismo terremoto ha respetado.

¡Ay! al pisar aquel recinto santo
Bajo la inmensa bóveda sombría
Revuela absorba en alas del espanto
A otros tiempos, la ardiente fantasia;
Y al ver del gran Manuel la régia tumba,
La lusitana gloria en torno zumba.

Arrastando las olas y los vientos
En la cima del Sol, las armas lusas
Brillaron, y en los mágicos acentos
Del plectro, que Camoes robó á las musas,

¹ Convento de los Jerónimos en Belen.

Para ensalzar ¡oh Portugal! tu gloria,
Y legar á los siglos tu memoria.

¡Pátria ingrata! ni aun le has consagrado
Un humilde sepulcro reverente,
Al que doble guirnalda ha laureado
Cual vate ilustre y adalid valiente.
¡Dios lo ha querido así!... De esta manera
Tiene por tumba la naciou entera.

Desaparecieron tus pasadas glorias,
Mas no por eso flores, Lisia bella,
Otras te esperan menos ilusorias;
Eclipsada no está tu blanca estrella,
Que si dueña ayer fuiste del Oriente,
Serás mañana reina de Occidente.

Quando de Tubal la indomable raza
En vinculo fraterno se haya unido,
Vasto horizonte el porvenir nos traza,
Iberia será aun mas de lo que ha sido:
Que no es grandeza conquistar por guerra,
Sino el ser libre é ilustrar la tierra.

Entre tanto, del céfiro en las alas
¡Quién pudiera cruzar tu puro cielo,
Gozoso contemplar tus ricas galas
Y dormir en el cespel de tu suelo,
Aspirando el aroma de tus flores,
Que brinda al corazon dulces amores!!

A CAMOES

Para hacer indeleble tu memoria
Hoy Lisia un monumento ha construido;
Y tu al verte en bronce convertido,
Riendo acaso estás desde la gloria.
¡Ay! esa estatua y pompa transitoria
Caerán en la noche del olvido;
Mas tu poema, vate esclarecido,
Admirarán los siglos y la historia.

Al ensalzar tu sonora lira
De esta tierra los inclitos varones,
Gloria, amor, libertad, al alma inspira,
Inflamando los tiernos corazones,
Por eso libre Portugal respira
Y deslumbra su luz á otras naciones.

FRANCISCO AÑON.

MOVIMENTO RELIGIOSO

III

O trabalho gerou o sentimento da familia, e esta o da comunidade. A idéa do trabalho surge logo nas primeiras edades. A familia é a synthese da grande

collectividade, e a cellula primordial do grande tronco que abranje com os seus ramos sempre alentadas as novas — gerações de seculos, afinadas ou robustas, lacrimosas ou opulentas, lacrimosas á sombra do captivo e opulentas á luz da liberdade.

A familia é a imagem perfeita do systema do mundo, é o mundo na mundo; segundo o dizer de um orador classico. Tem o seu sol, que é o trabalho, fóco em torno do qual gravitam em orbita harmoniosa as virtudes domesticas; e os sentimentos fundados sobre as relações de parentesco e amizade, são um reflexo da Attractão universal.

O homem não pôde viver só, considerado separadamente não tem importancia, ligado á outra parte para quem elle tem afinidade, como duas gottas homogenias, fórma a humanidade.

A natureza, profundamente sábia, creou dois corpos differentes algum tanto na estrutura, mas com relações mutuas, e ligou-os pelo sentimento da especie para que produzissem, e deu-lhes o amor, sentimento primordial do systema, que se desentranha, após a união, em beneficio da prole para que gosassem na tranquillidade do dever as docuras conjugaes.

A prole é o ponto de união moral de duas cadeias que se soldam; e a affirmativa externa, perante a sociedade, da boa sociedade conjugal. Os filhos são as alegrias do pequeno mundo, que a vontade do homem constituiu para a vida do coração. Ahi, na familia, o homem está mais seguro de si, deixa gemer lá fóra o vendaval; e quando a tempestade se desencadeia violenta, o homem procura o aconchego e gosa na intimidade. E quando as tempestades moraes, mais persistentes e crueis que as da natureza, principiam a varrer o crepusculo da felicidade, o homem, crente nos disvelos da familia, encosta ahi a cabeça e repousa.

O homem não pôde viver só; o isolamento enerva-o.

A natureza deu-lhe um systema d'afecção, que o empelle, que o prende á familia. E em todas as cosmogonias encontra-se o typo da aliança. Adão e Eva no *Genesis* são o typo da familia, e n'esse livro apparece o tedio ao isolamento: *Não é bom que o homem esteja só.*

(Continúa.)

SOUZA MOREIRA.

NO ALBUM

DA EXC.^{ma} SNR.^a D. ISABEL DE ESCALANTE,
INSIGNE E LAUREADA PRIMA-DONNA,
POR OCCASIÃO DA SUA FESTA ARTISTICA NO REAL
THEATRO DE S. JOÃO, DO PORTO,
NA NOITE DE 6 DE FEVEREIRO DE 1879.

Maviosa Alice ¹ que arrebatas a alma;
Harmoniosa, dulcissima Leonor ²

¹ Na opera; *Roberto o Diabo.*

² Na *Favorita.*

Leonor ³ apaixonada, e mais mimosa
Que a lyra do teu meigo trovador;

Lucrecia ⁴ audaz, terrivel na vingança,
Mas terna, estremecida, ardente mãe;
Violeta ⁵ doidejante, em cujo seio
Inda lugar amor sublime tem:

Na corôa de artista rutilante
Não te venho uma gemma hoje cravar:
Onde joias tão finas já refulgem,
Que podem mãos humanas ajuntar?

Do céo desceu-te ao berço a luz do genio;
O archanjo da harmonia te embalou;
A quem te escuta encantas, extasias:
Tal o condão que o Eterno te doou!

Ouves o applauso estridoroso, fervido,
Que a tantas mãos arranca a admiração?
Costuma o Porto ao merito só dal-o:
Acccita-o, pois, com ledô coração.

E n'esse côro ingente que te aclama,
Que teus dotes clarissimos rediz,
Minha voz tambem brade: Salve! Salve!
Raro talento, insigne cantatriz!

UM SEU ADMIRADOR.

EXPEDIENTE

O nosso primoroso folhetinista Julio Cezar Machado, attendendo ás nossas supplicas, promete-nos um artigo para um dos proximos numeros da *Revista*.

Registramos a promessa, honrados com a benevolencia do illustre escriptor.

* * *

O nosso illustrado collaborador e distinctissimo poeta Pedro de Lima, pede-nos para reproduzir n'esta *Revista* a sua esplendida poesia que em tempo foi publicada n'um jornal de provincia, onde sahiu com algumas incorrecções.

Por absoluta falta de espaço terminamos por aqui a secção do *Expediente*.

ERNESTO PIRES.

³ No *Trovador.*

⁴ Na *Lucrecia Borgia.*

⁵ Na *Traviata.*